

Organização das aldeias e formas de casamento entre os Wajãpi: algumas informações básicas ¹

Dominique Tilkin Gallois*

As aldeias wajãpi são ocupadas por um número variável de famílias (de duas a dez), agregadas em torno de um chefe, que é, tradicionalmente, o fundador do assentamento. A aldeia é identificada por seu fundador – ou, seja o chefe da aldeia – que é o primeiro a ter aberto uma roça no local.

As aldeias mais numerosas possuem vários pátios, ocupados pelos diferentes grupos familiares, representados por seus respectivos chefes. Esses pátios têm nomes distintos, como se fossem pequenas aldeias dentro de uma aldeia maior.

As famílias que vivem juntas numa aldeia – menor ou maior - são todas relacionadas através de inter-casamentos e, por esta razão, mantêm entre elas diversas formas de cooperação.

[Os antropólogos chamam a esse grupo de famílias relacionadas através de casamentos de “família extensa”. Um conjunto de várias famílias extensas é chamado de “parentela”].

Entre os Wajãpi, o casamento é um importante fator de mobilidade. Pois é em função dos casamentos que as famílias se deslocam de uma aldeia para a outra. Por isso, ao longo de sua vida, uma pessoa vai viver em diferentes aldeias e também estará visitando regularmente outras aldeias, onde vivem seus parentes ou os parentes de seu conjugue.

[Os antropólogos chamam a esse conjunto de aldeias em que vivem famílias com laços de parentesco de “grupo local”. É importante não confundir a aldeia com o “grupo local”. Entre os Wajãpi, há um termo para esse grupo: wanã].

¹ Este texto é uma adaptação para fins didáticos de uma parte do capítulo publicado no CD Rom “Povos Indígenas do Amapá”, a respeito dos Wajãpi (Museu do Desenvolvimento Sustentável do Amapá / GEA, 2001).

* Docente do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, coordenadora do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo – NHII/USP e sócia fundadora do Iepé.

Quando casam, os jovens esposos devem residir na aldeia e no pátio dos pais da esposa.

[Os antropólogos chamam essa prática de “regra de residência uxorilocal” – onde “uxor” é o nome latim para “esposa”; indica que o marido mora na aldeia de sua esposa].

Mesmo quando mora na aldeia dos pais da esposa, o casal faz visitas freqüentes à aldeia da família do marido, onde pode inclusive abrir uma roça e passar longas temporadas.

Quando elas estão na mesma aldeia, mães e filhas vivem em casas próximas umas das outras e compartilham, geralmente, da mesma "casa de cozinha", onde elas se reúnem para processar a mandioca e preparar alimentos e bebidas.

Vivendo junto à família de sua esposa, um genro [marido da filha] deve fazer uma série de trabalhos para seus sogros [pais da esposa]. Por exemplo, ajudando na derrubada das roças, na construção da casa, na caça, etc...

Entre os Wajãpi, observa-se que os filhos de chefes costumam permanecer na aldeia de seus pais. Mas, como devem respeitar as regras de apoio aos sogros, fazem visitas regulares à família de suas esposas.

Entre os Wajãpi, o casamento não é uma celebração, como ocorre entre os Karaikô. Esta é uma “passagem” de uma fase da vida para a outra que não é marcada. Ao contrário, a puberdade, é muito marcada, especialmente no caso das moças que passam por um resguardo. Há uma celebração no final do resguardo da primeira menstruação.

[Os antropólogos chamam todas as celebrações que marcam a passagem de uma fase da vida para outra de “rituais de passagem”. Ritual é um tipo de “celebração”. Por exemplo: o ritual no final do resguardo da primeira menstruação, a cerimônia de casamento dos Karaikô, o resguardo ou a celebração após o nascimento de um filho, etc...]

Como já foi dito, entre os Wajãpi, o casamento é uma instituição muito importante, que organiza todas as relações entre pessoas, entre famílias, entre aldeias e entre grupos locais.

[Os antropólogos chamam de “instituições” as formas de organização da vida social, política e econômica. Por exemplo: as formas de casamento, as formas de chefia, as formas de produção e distribuição, as formas de troca, etc...]

Desde pequeno, todo indivíduo adota um tratamento bem diferenciado para as pessoas que são para ele "afins" e as que são seus "parentes".

[Os antropólogos usam a palavra “afim” (afins) para todas as pessoas com quem um indivíduo pode ser casar. São “parentes” apenas as pessoas com quem esse indivíduo não pode casar – Ver texto 4: parentesco como classificação social]

Assim, desde a infância, uma criança wajãpi aprende a se posicionar em relação aos outros, utilizando termos específicos para seus “afins” e seus “parentes”. Entre eles, os Wajãpi não usam nomes pessoais, mas essa terminologia de relações que constitui, para cada indivíduo, uma classificação de todos os membros de seu povo, separando seus "parentes" dos seus "afins".

[Os antropólogos chamam “terminologia de relações” o conjunto das palavras utilizadas para classificar, ou seja para chamar e para falar de cada categoria de “parentes” e de “afins”]

Entre os Wajãpi existem duas formas de casamento preferencial. Uma das formas de casamento é a união entre pessoas que se tratam respectivamente de "possível esposo" / possível esposa". Outra forma de casamento é a união entre um homem e a filha de sua irmã. Ou seja, do ponto de vista de uma moça, um casamento com o irmão da mãe.

No primeiro caso, uma moça pode se casar com o filho do irmão de sua mãe ou com o filho da irmã de seu pai. Ela sabe que pode casar com essas pessoas porque desde pequena ela foi educada para chamá-los por termos que indicam a possibilidade do casamento. Ao contrário, ela não poderá casar com o filho da irmã de sua mãe nem com o filho do irmão de seu pai, que ela chama de irmãos.

*[Os antropólogos chamam o **casamento preferencial** com a filha da irmã do pai ou com a filha do irmão da mãe de casamento entre “primos cruzados” e o casamento do*

segundo tipo de casamento “avuncular”, onde “avunculo” é uma palavra em latim que significa “sobrinha”]

Essa classificação estabelece uma distinção muito importante entre:

- filha da irmã do pai, ou filha do irmão da mãe – com quem pode casar
- filha da irmã da mãe, ou filha do irmão do pai – com quem não pode casar

Se compararmos com a terminologia de relações utilizada pelos Karaikō, veremos que não há possibilidade de tradução. Pois, para os Karaikō, todas essas pessoas são chamadas de “primas”. Para os Wajãpi, o termo “primo” não é adequado porque junta pessoas que são completamente distintas, segundo as concepções e formas de organização social explicadas neste texto.

É também importante lembrar que quando se diz “casamento com a filha do irmão da mãe”, estamos falando de todas as pessoas que são chamadas por um indivíduo pelo termo específico, na língua wajãpi. São termos que se aplicam à várias pessoas que estão nessa posição, e portanto são chamadas por este termo específico. Não estamos falando de uma única pessoa! Assim, cada indivíduo pode até escolher entre várias possibilidades de casamento, pois haverá muitas moças que ele trata como “filha do irmão da mãe” ou “filha da irmã do pai”, ou “filha da irmã”.

É também muito importante notar que, entre os Wajãpi, casar muito “perto” não é o mais adequado.

[Por esta razão, é tão importante, para os antropólogos, estudar as terminologias de relações – que variam de sociedade para sociedade. Não se pode compreender a organização social de um povo, sem entender primeiro como as pessoas são classificadas e como são utilizadas essas classificações]

No período da adolescência, rapazes e moças experimentam vários casamentos, todos eles arranjados pelas suas respectivas famílias, que se envolvem em longas negociações para acertar o casamento. Numa negociação de casamento, os Wajãpi discutem toda a história das relações de trocas matrimoniais entre as famílias que vão se aliar. São momentos muito importantes da política wajãpi.

Mas após o nascimento do primeiro filho, os casais se tornam estáveis, ou seja, ficam juntos até o fim da vida. Há poucas e raras separações. Quando um dos conjugues morre, o que ficou sozinho procura logo um novo cônjuge,

entre as pessoas com quem ele pode casar. Geralmente, casará com o irmão – ou a irmã – do cônjuge que faleceu.

[Os antropólogos chamam essa prática de casamento de um viúvo com a irmã da esposa de “sororato”. O casamento de uma viúva com o irmão do marido é chamado de “levirato.”]

Entre os Wajãpi, há várias famílias constituídas por um marido e várias esposas. Essa prática é comum, entre os mais velhos e também entre os jovens.

As duas esposas são quase sempre irmãs ou, pelo menos, parentes muito próximas. A decisão de casar com uma segunda esposa não é tomada apenas pelo marido, mas sim pela sua primeira esposa, que escolhe e convida a sua irmã.

*[Os antropólogos chamam o casamento entre um homem e duas ou mais esposas de **casamento “poliginico”**. A poliginia é um tipo de “**poligamia**”, ou seja, uma das formas de casamento com mais de um cônjuge].*

Os casamentos constituem um tipo de troca - as trocas matrimoniais - e por esta razão são um assunto de muita importância na vida social e sobretudo na vida política dos Wajãpi.

Trocas de casamentos são trocas que produzem outras trocas. Assim, um casamento vai promover alianças entre duas famílias e suas aldeias, que permite trocar conhecimentos, festas, objetos, etc.. Essas alianças entre famílias e entre aldeias são ativadas ou desativadas em função das possibilidades de troca...

Entre os Wajãpi, outro importante fator da dinâmica cultural relaciona-se à **relação respeitosa que todos mantêm para com os chefes de família, denominados pelo termo coletivo *jovijã kō*, os sábios.**

[Os antropólogos costumam evitar traduções de idéias a respeito de chefia. Assim, para os antropólogos que estudaram a organização social wajãpi, fica claro que “cacique” não é uma tradução de “jovijã kō”. Essa idéia de “cacique” veio da organização social dos karaikō, acostumados a escolher um representante de cada comunidade local. Isso não se aplica à maioria dos grupos

indígenas do Brasil e do mundo. Por isso, é melhor traduzir jovijã kō como sábios, ou mesmo como chefes – no plural.]

São as pessoas que os Wajãpi chamam *jovijã kō* (ou *jovijãgwerã*) que dirigem, com sua experiência, todo o movimento das relações entre pessoas e famílias. São eles que tomam as decisões de ficar ou mudar de aldeia.

Como foi dito antes, cada aldeia ou cada pátio de aldeia tem um chefe que é o fundador da primeira roça na qual foi construída a aldeia. Esse chefe, assim como os demais sábios da aldeia (*jovijã kō*) têm como qualidades principais a capacidade de juntar as pessoas. Suas falas são respeitadas, porque nunca são falas autoritárias.

Entre os Wajãpi, os chefes não dão “ordens”. Não precisam, nem desejam, ser “obedecidos”. Os Wajãpi não associam a chefia ao poder de impor alguma coisa à alguém. Inclusive, porque a chefia não é transmitida, eleita ou outorgada, mas impõe-se espontaneamente no curso da vida pessoal. Um chefe se torna chefe pela sua capacidade de iniciativa, em várias esferas da vida social: festas, trocas matrimoniais, trocas de bens, política com os *Karai kō*, etc....

Na trajetória do contato mais recente, este padrão de prestígio e representação interna nas relações entre os grupos locais foi se transformando, de forma positiva, na medida em que preservou os princípios relacionados à autonomia pessoal e à independência das aldeias. Hoje, coexistem o tradicional faccionalismo interno e outras formas de representação, diretamente articuladas com a gestão das relações externas à comunidade e que se fortalecem à medida em que os Wajãpi vem sentindo a necessidade de gestões mais abrangentes e coletivas.

O faccionalismo interno não é impedimento para ações e articulações coletivas, nem inviabiliza a iniciativa de qualquer líder local, seja ele mais tradicional ou forjado no processo do contato.

A existência de mecanismos culturais para lidar com as tensões e mesmo conflitos entre grupos não inviabiliza ações conjugadas, mantendo-se as diferenças. Em suas alianças políticas ou em atitudes que ora convergem, ora divergem, todos os Wajãpi continuam reconhecendo-se como membros de um mesmo povo e cultura, onde este modo de fazer política é uma tradição compartilhada.